

## Prosperidade e bem-estar: uma leitura de Tocqueville

O mais importante ponto de vista de Tocqueville sobre a prosperidade e o bem-estar físico parece estar expresso no título do capítulo XVI do segundo livro do II volume de *Democracy in America* (todas as citações são retiradas da edição da Everyman's Library, Londres, 1994): «Sobre o modo como uma excessiva preocupação com o bem-estar material pode prejudicar esse bem-estar.» Por outras palavras, Tocqueville considerava que, «se os homens chegassem alguma vez a contentar-se com os objectos materiais, é provável que perdessem gradualmente a arte de os produzir» (p. 148).

O raciocínio subjacente a esta afirmação é relativamente simples, e alguns autores poderão dizer que serve como uma luva à presente condição das nossas democracias liberais ocidentais. A prosperidade material é o produto, por vezes a consequência involuntária, de uma ética do trabalho livremente adoptada pelos indivíduos, as famílias e outras instituições civis. Esta ética leva os indivíduos a procurarem gratificação diferida por oposição à gratificação imediata. Contudo, à medida que a prosperidade aumenta, os indivíduos tendem a perder de vista a dimensão espiritual, principalmente religiosa, que dera sentido à lógica da gratificação diferida. Tenderão então a adoptar uma lógica de gratificação instantânea. Ao fazê-lo, estarão a matar — gradualmente, para usar a expressão de Tocqueville — a galinha dos ovos de ouro, ou seja, a ética do trabalho que tinha produzido a prosperidade.

Será possível escapar a este «círculo fatal para o qual as nações democráticas são impelidas [...] pelo materialismo» através da crença de que «tudo é apenas matéria», o que, por seu turno, é o resultado de um excessivo «gosto pela satisfação física»? (p. 145). À semelhança de Burke, que o precedeu, e, em parte, de Weber, que lhe é posterior, Tocqueville entendia

---

\* Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

a religião como o sustentáculo fundamental de uma ética da recompensa diferida numa sociedade livre. Contudo, estava consciente do processo de erosão que a religião enfrentava em tempos de cepticismo e opunha-se fortemente a qualquer tipo de imposição estatal da religião: «No que diz respeito à religião estatal, sempre mantive que, embora possa servir momentaneamente os interesses do poder político, acaba sempre, mais cedo ou mais tarde, por tornar-se fatal à Igreja» (p. 147). Parece-nos, assim, que Tocqueville enfrentava o desafio da quadratura do círculo: como podemos restabelecer a ética da gratificação diferida se esta se apoia principalmente na religião, e se a religião está em declínio, e se os governos não devem tentar impô-la?

A resposta de Tocqueville, o mais resumidamente possível, consistiu em afirmar que «os governos devem dedicar-se, eles próprios, a restabelecer nos homens esse amor ao futuro que a religião e o estado da sociedade já não lhes inspiram» (p. 151). Por outras palavras, os governos devem saber mostrar que o «maior sucesso reside sempre no fim dos desejos longamente acalentados e que nada perdura, à excepção daquilo que é obtido por meio do trabalho árduo». Isto, contudo, deverá ser ensinado na prática, e não por palavras. Acima de tudo, os governos devem evitar fazer o contrário, ou seja, devem evitar «a promoção súbita e imerecida» baseada no favor, o que alimentaria precisamente a lógica da gratificação instantânea que lhes cabe desencorajar. Os governos devem certificar-se de que «toda a promoção seja entendida como a recompensa do esforço, de modo que [...] os homens de ambição sejam obrigados a fazer planos com grande antecedência antes de alcançarem os seus objectivos» (p. 151).

Se «os filósofos e aqueles que detêm o poder» convergissem de modo a demonstrar que a gratificação diferida continua a ser a chave para a prosperidade a longo prazo, estariam assim a encorajar os indivíduos a preocuparem-se com a sua condição futura e a dos seus descendentes, por outras palavras, a elevarem o seu olhar. Ao elevarem o olhar em relação às suas próprias condições futuras no mundo, os indivíduos seriam «gradual e inconscientemente encaminhados para as convicções religiosas». E este, sugere Tocqueville, parece ser «o único meio que ainda possuímos para fazer regressar a humanidade, através de um longo e indirecto caminho, a um estado de fé» (p. 151).

Poderíamos afirmar que a resposta de Tocqueville é uma espécie de combinação das ideias de John Locke, Adam Smith e Edmund Burke. À semelhança deste último, Tocqueville enfatiza o papel da religião na preservação da dignidade do homem e manifesta o seu receio de que uma sociedade puramente comercial possa baixar as suas perspectivas. Simultaneamente, porém, Tocqueville considera que um sistema de liberdade natural, como diria Smith, ou um sistema de direitos naturais à vida, à liberdade e à propriedade, como diria Locke, encorajaria os homens a melhorarem as suas condições materiais por meio dos seus próprios esforços. Estes esforços —através de

um processo evolutivo de tentativa e erro, como diríamos actualmente — levarão os homens a preocuparem-se com os seus interesses de longo prazo e, desse modo, a elevar o seu olhar. Contudo, os governos não deverão distorcer os sinais, ou os incentivos e as sanções, proporcionados por um sistema de liberdade natural. Deverão evitar as promoções baseadas no favor ou, para falar em termos mais gerais, evitar perturbar a percepção dos indivíduos da relação entre as acções e suas consequências. Se esta relação for respeitada, um sistema de liberdade natural — permitindo às pessoas aprender com os seus próprios erros, como poderíamos actualmente acrescentar — encorajará os indivíduos, em última análise, a preocuparem-se com o futuro. E esta preocupação, por seu turno, reconduzirá os indivíduos à religião, que é a melhor garantia de que as perspectivas humanas se manterão elevadas.

Aqui parece residir o eixo do argumento de Tocqueville. Contudo, o argumento está, em si mesmo, repleto de ideias preciosas que justificam plenamente uma análise mais pormenorizada.

## UMA CARACTERÍSTICA PREDOMINANTE DAS SOCIEDADES DEMOCRÁTICAS

Tocqueville encontrou na América um «gosto predominante» a que chamou «o amor ao bem-estar» ou «a paixão pelo bem-estar físico». Observou que, «se bem que nem todos o sintam da mesma maneira, é, porém, sentido por todos. O esforço para satisfazer as mais ínfimas necessidades do corpo e para alcançar as mais pequenas conveniências da vida é predominante em todos os espíritos» (p. 128).

Como acontecera com tantas outras características da sociedade americana, Tocqueville considerava que este «amor pelo bem-estar» tornar-se-ia também uma característica predominante de todas as sociedades democráticas, por oposição às sociedades aristocráticas. Nestas últimas, as condições sociais são definidas à nascença. Por este motivo, «as pessoas acabam por se tornar tão acostumadas à pobreza quanto os ricos à sua opulência». Uma vez que os ricos nunca experimentaram uma condição diferente, não poderão considerar a riqueza «a finalidade da vida, mas simplesmente um modo de viver». Os aristocratas não atribuem grande valor ao bem-estar material. Pelo contrário, é frequente exibirem por ele «um desprezo altivo».

Nas sociedades democráticas, como é demonstrado pela experiência americana, as condições sociais são adquiridas e não imputadas à nascença. A mobilidade social é um facto da vida e, assim, «o desejo de adquirir os confortos do mundo assombra a imaginação dos pobres e o receio de os perder a dos ricos» (p. 128). É, pois, o facto e a perspectiva da mobilidade social que fazem do gosto pelo bem-estar físico uma das características

predominantes da sociedade americana e das sociedades democráticas em geral. Tocqueville afirma, de facto, que «algo de carácter análogo se torna cada vez mais aparente na Europa». Esta predominância será ainda mais enfatizada por uma propensão da natureza humana:

O coração do homem não é tão cativado pela posse imperturbada de algo de valioso tanto quanto pelo desejo, enquanto ainda imperfeitamente satisfeito, de o possuir e pelo incessante receio de o perder [p. 128].

Tocqueville é ambivalente em relação a este fenómeno democrático. Admira a energia e a criatividade prática que o amor pelo bem-estar difunde através da América. Mas receia que isso venha a produzir uma espécie de «materialismo virtuoso» no qual «os homens perdem de vista aquelas posses mais preciosas que constituem a glória e a grandeza da humanidade» (p. 132). Como já referimos no início, Tocqueville acabará por afirmar que, quando se torna excessivo, este «materialismo virtuoso» debilitará a própria prosperidade que o criou.

## AS CONSEQUÊNCIAS DO MATERIALISMO VIRTUOSO

À medida que o amor pelo bem-estar se converte na propensão predominante da nação, a sua primeira consequência será a de uma reacção contra ele, uma espécie de espiritualismo fanático: «Aqui e ali, no seio da sociedade americana, encontramos homens cheios de um espiritualismo fanático e quase selvagem que quase não existem na Europa» (p. 134). Este espiritualismo selvagem parece ser a contrapartida de um materialismo predominante:

A alma tem necessidades que devem ser satisfeitas; e, sejam quais forem os esforços levados a cabo para a distrair de si mesma, em breve se torna fatigada, descontente e inquieta por entre os prazeres dos sentidos [...] Muito me surpreenderia se o misticismo não viesse a desenvolver-se em breve no seio de um povo unicamente preocupado com a promoção do seu próprio bem-estar material [pp. 134-135].

Outra consequência do materialismo virtuoso é uma «estranha melancolia que frequentemente assombra os habitantes dos países democráticos no meio da sua abundância». Tocqueville observou que «é curioso ver com que ardor febril os Americanos procuram o seu próprio bem-estar e observar o vago receio que constantemente os atormenta de não terem sabido escolher o caminho mais curto para o alcançarem» (p. 136). Esta «estranha melancolia» ou «segredo desassossegado» é, uma vez mais, um produto secundário do gosto pelo bem-estar físico. Os homens vivem num constante corropio: «Nos Estados Unidos, um homem constrói uma casa para nela passar a sua velhice, mas vende-a antes de ter colocado o telhado.» As pessoas sentem que a vida

é curta para adquirirem e realizarem tudo aquilo que há para realizar. Receiam permanentemente não terem escolhido o melhor caminho para o êxito. Este sentimento é fortalecido por um sistema social «no qual nem as leis nem os costumes mantêm qualquer pessoa no seu lugar». Finalmente, a paixão democrática pela igualdade enfatiza ainda mais este «segredo desassossego»:

Quando a desigualdade de condições é a regra comum da sociedade, as mais vincadas desigualdades não saltam à vista; quando tudo se encontra mais ou menos ao mesmo nível, as mais ligeiras desigualdades são o bastante para a ferir. Assim, o desejo de igualdade torna-se tanto mais insaciável quanto mais completa ela for [p. 138].

Uma outra, e possivelmente mais grave, consequência do gosto pelo bem-estar físico poderá ser — embora Tocqueville tenha afirmado que não ocorria na América — um afastamento da vida pública. Uma vez mais podemos notar aqui um paradoxo. A liberdade é, em si mesma, a condição da indústria produtiva e, desse modo, do gozo da prosperidade. Mas este gozo, quando se torna excessivo, poderá levar os homens a afastarem-se dos assuntos públicos. Deixarão assim o caminho livre para que um novo déspota, um indivíduo ou facção, se aproprie do poder político. Este novo despotismo, afirma Tocqueville, não será «violento ou cruel, mas minucioso e intrusivo». Regulará cada pormenor da vida quotidiana, enfraquecendo desse modo as actividades comerciais. «A paixão pelo bem-estar material derrota-se então a si própria e, sem que eles o percebam, arremessa para mais longe o objecto dos seus desejos» (p. 140).

Tocqueville parece estar, assim, a afirmar que a liberdade liberal ou negativa caminha a par e passo com o autogoverno republicano. Contudo, as pessoas poderão perder de vista essa ligação. Poderão concentrar-se excessivamente na busca do bem-estar privado, o que lhes é permitido pela liberdade negativa. Se, ao fazê-lo, negligenciarem os seus deveres públicos para com o (auto)governo republicano, a ameaça do despotismo avultar-se-á e a própria liberdade negativa será posta em risco. Esta é mais uma razão para manter o materialismo ou o gosto pelo bem-estar físico sob restrição equilibrada.

## O PAPEL SECULAR DA RELIGIÃO

A restrição mais equilibrada para o gosto pelo bem-estar físico é, segundo Tocqueville, a religião:

Nos Estados Unidos, no sétimo dia de cada semana, o comércio e a vida laboral da nação parecem suspender-se; todos os barulhos cessam; uma profunda tranquilidade, ou, melhor dizendo, a calma solene da meditação, sucedem-se ao turbilhão da semana e a alma retoma a posse e a

contemplação de si mesma. Neste dia, os centros de comércio são abandonados; cada membro da comunidade, acompanhado pelos filhos, dirige-se à igreja, onde escuta uma estranha linguagem que poderia parecer inadequada aos seus ouvidos. Falam-lhe dos males inumeráveis provocados pelo orgulho e pela ganância; recordam-lhe a necessidade de examinar os seus desejos, os mais delicados prazeres que só à virtude pertencem e a verdadeira felicidade que lhes assiste [p. 143].

A maior parte das religiões, acrescenta Tocqueville, «são apenas um meio geral, simples e prático de ensinar aos homens a doutrina da imortalidade da alma». Esta doutrina possui consequências fundamentais ao nível secular, e de tal maneira que pode explicar, de facto, o motivo pelo qual «as nações religiosas conseguiram alcançar com tanta frequência resultados tão duradouros»:

Nas épocas de fé o objectivo final da vida é colocado para além da vida. Por conseguinte, os homens dessas épocas habitam-se naturalmente e quase involuntariamente a contemplar, durante muitos anos, um qualquer objecto imóvel para o qual tendem constantemente, e aprendem por graus imperceptíveis a reprimir uma série de desejos mesquinhos e transitórios que os possuem. Quando estes mesmos homens se envolvem nos assuntos deste mundo, os mesmos hábitos podem ser identificados na sua conduta [...] Não mudam de dia para dia em perseguição de um qualquer novo objecto de desejo, estabeleceram antes desígnios que jamais se cansam de perseguir [p. 149].

É esta capacidade para «se erguerem acima das coisas do corpo», insiste Tocqueville, que permite aos homens multiplicar esses mesmos bens do corpo: «Seja o que for que eleve, engrandeça e expanda a alma, torna-la-á mais capaz de alcançar sucesso nessas mesmas tarefas que não lhe dizem respeito» (p. 148). Por outras palavras, os homens de fé religiosa, uma vez que olham para além da gratificação imediata, são impelidos a adoptar, no mundo, uma ética de gratificação diferida. E isto é, por sua vez, a chave para a prosperidade.

Segundo Tocqueville, o materialismo, ou a doutrina segundo a qual tudo é apenas matéria, convida os homens a tomarem a direcção oposta, a pensarem apenas no dia seguinte:

Assim que perdem o hábito de depositar as suas principais esperanças em acontecimentos remotos, procuram naturalmente satisfazer sem demora os seus mais ínfimos desejos; e, assim que se desenganam de que viverão para sempre, logo se dispõem a agir como se fossem existir por um único dia [pp. 149-150].

É, basicamente, por esta razão que Tocqueville entende as doutrinas materialistas como «os inimigos naturais de todas as pessoas», contra as quais «todos aqueles que sentem interesse pelos destinos futuros da democracia deveriam unir-se» (p. 145). Porém, Tocqueville apressa-se a reconhecer que, num certo sentido, o materialismo e a democracia podem muito bem alimentar-se mutuamente:

A democracia encoraja um gosto pela recompensa física; este gosto, se vier a tornar-se excessivo, em breve dispõe os homens a acreditar que tudo é apenas matéria; e o materialismo, por sua vez, apressa-os com louca impaciência em direcção às mesmas delícias; tal é o círculo fatal para o qual as nações democráticas são impelidas. Bom seria que [*as democracias*] se apercebessem do perigo e se refreassem [p. 145].

Mas como poderão refrear-se as democracias se (e nos momentos em que) «a luz da fé se esbate» e «o alcance da visão do homem é circunscrito»? Tocqueville não teve dúvidas ao afirmar que «nisto, e nisto apenas, reside o perigo»:

«Mas, embora o homem se delicie nesta honesta e legítima busca do seu próprio bem-estar, deverá compreender-se que no final poderá perder o uso das suas mais sublimes faculdades e que, embora se afadigue para melhorar tudo quanto o rodeia, poderá no fim degradar-se [p. 144].

A resposta a este problema não deverá ser encontrada, como lembrámos já no início, numa religião de Estado. Nem deverá repousar na decisão de «conceder aos padres uma influência política que as leis lhes negam». Tudo isto, afirma Tocqueville, prejudicaria a religião, e de tal modo que o autor «preferiria encerrar os sacerdotes nos santuários a permitir-lhes avançar para fora deles» (p. 147). Nestas circunstâncias, como poderão as democracias resistir à tendência para baixarem as perspectivas dos homens, como poderão evitar que «os homens percam de vista aquelas posses mais preciosas que constituem a glória e a grandeza da humanidade»? A resposta parece residir na tentativa de restabelecer nos homens, por meios seculares, «esse amor ao futuro que a religião e o Estado da sociedade já não lhes inspiram». Neste caso, tal como noutros, Tocqueville estava, evidentemente, a pensar em França, e não na América:

Naqueles países em que, desafortunadamente, a irreligião e a democracia coexistem, os filósofos e aqueles que detêm o poder deveriam esforçar-se sempre por colocar os objectos da acção humana para lá do alcance imediato do homem. Ao adaptar-se ao espírito do seu país e tempo, o moralista deve aprender a reivindicar os seus princípios nessa

posição [...] Deve ensinar-lhes que, embora o aspecto da humanidade se tenha modificado, os métodos pelos quais os homens podem alcançar a sua prosperidade neste mundo continuam a ser os mesmos; e que nas nações democráticas, tal como nas outras, é apenas por meio da resistência às mil paixões mesquinhas e egoístas de cada momento que a paixão geral e inextinguível pela felicidade poderá ser satisfeita [p. 150].

Deveríamos sublinhar a expressão «os métodos pelos quais os homens podem alcançar a sua prosperidade neste mundo continuam a ser os mesmos». Tocqueville estava claramente a apoiar-se na busca humana da prosperidade para ensinar os homens a procurarem a gratificação diferida, ou para levar a ambição «a contemplar um objecto antes de se satisfazer». É precisamente neste momento que Tocqueville escreveu que os governos não deverão agir com base na «promoção súbita e imerecida» ou no favor. Parece estar a prever que os governos podem ser mais prejudiciais devido àquilo que fazem do que àquilo que se abstêm de fazer: de facto, os governos podem corromper a propensão dos indivíduos para «anteverem de longe aquilo que poderá acontecer-lhes no mundo».

Neste sentido, Tocqueville parece conciliar a preocupação com a religião e a moralidade de Burke com a defesa de Locke e Adam Smith de um sistema de liberdade natural: se os governos forem mantidos dentro de certos limites, se não lhes for permitido corromper a busca da prosperidade humana através de um sistema de «promoção súbita e imerecida», poderemos ter a esperança de que os indivíduos compreendam que «os métodos pelos quais os homens podem alcançar a sua prosperidade neste mundo continuam a ser os mesmos». E que, «se prepararmos os membros de uma comunidade para pensarem na sua condição futura neste mundo, estes serão gradual e inconscientemente encaminhados para as convicções religiosas».